

O AGRESTE  
EM MIM

## Fazenda Bonsucesso

O agreste verdejante de junho destacava a secura em meu peito. A terra, com sinais de vida e os açudes cheios, cercava uma alma alquebrada em meu corpo machucado. A dor nas costelas tornava o caminho mais longo com paradas constantes. Meu mundo não encontrava eco nos tons esverdeados que traziam esperança ao homem da terra. Fazia mais de vinte anos e o tempo já amenizara aquela dor distante. Eu a sentia como um vento raro que passava sem mudar nada. Fazenda Bonsucesso. Voltar lá agora, aos trinta e cinco anos... Quem encontraria? A mãe? Ritinha? Sim, as únicas que valeriam a pena encontrar, que eu quero encontrar. Saudade. Dor. E se a mãe não perdoar o silêncio desses anos? Remédio. Tempo. Preciso dele para resistir à sua mágoa. Não, não. Ela vai me aceitar. Sempre me aceitou, sempre me defendeu. *Deixa o menino, Justino, deixa.* O pai deixava, sabia que a derradeira coisa que ela permitiria na vida era que bulissem com qualquer filho. Quantas vezes seu olho percebeu a minha aflição, meu desassossego? Antes de eu saber quem era, ela já sabia. *Não ligue para os outros. Seja o que quiser, mas seja forte. Vou cuidar da criação, monte seu cavalo e venha junto.* Eu ia. Via a mãe lidar com os trabalhadores, perguntar da família, para depois dar as ordens. Sempre do mesmo jeito. Fitando com os olhos secos a lágrima de cada um. Sua voz de aconselhamento carregava a certeza de ser obedecida. As pessoas se sentiam amparadas e seguiam com ela. Não era de afagos, mas sabia que ser humano é so-

frer. Na casa ou na lavoura, ela era a senhora. Até o pai respeitava isso. Ele ficava mais com os negociantes, o banco. Era afeito às conversas entre lobos. Nunca me chamou pra ir com ele, só os irmãos. Éramos quatro até 1952, quando fugi. Deixe eu ir, me leve. *Você é melhor aqui com sua mãe e Ritinha.* Eu emburrava. A mãe vinha. *Não se importe com ele. Ele gosta dos conformes. Você não é disso.* Ela sempre soube. Não devia tê-la abandonado; só agora me dou conta de sua ausência em mim. Vendo a cerca seguindo seu caminho, penso que preciso de seu amparo. Força. Vamos entrar e ver. Abro a porteira, os ferimentos me causam gemidos enquanto o peito faz a perna tremer. Boca seca. Sol. A casa lá no fim da estrada, ocre e desbotada, sobressaindo no mato verde. Vamos, um pé depois do outro. A porta no trinco. A sala com a luz do dia. Mãe! Silêncio e vazio. Na cozinha. Bom dia! Olhar assustado. Sou José. *“Minha virgem! Num é possível! Ninguém num disse que o senhor vinha.”* Quem é você? *“Dorina, a fia da Matilde.”* O sinal da cruz acompanha as palavras. *“Faleceu. Tem uns seis anos.”* Sinto muito. Eu não sabia. *“Ai, meu Jesus. Dona Ciça precisa saber que sinhô está aqui. Licencinha.”* O vapor da cozinha. O cheiro da carne assada me fez lembrar que ontem não comi nada. A macaxeira escorrendo... o fogão a lenha. O feijão cozido desde cedo... Passos. Mãe. *“José, meu filho! Dá cá um abraço.”* Você nem sabe o quanto preciso desse abraço... o peito arfando de emoção... lágrima salgando o rosto. Mãe, me perdoe todos esses anos. *“Sei que foram necessários.”* Mãe! Soluços sufocam minha voz. Quero falar, explicar, contar tudo que aconteceu. Não consigo. Abraço forte a mãe e sinto suas costelas, percebo que ela está bem mais magra. Olhos embota-

dos. Mainha, como você está? *“Como Deus quer. E você? Que veio fazer nesses cafundós? Lembrou da velha mãe?”* Precisei... melhor: preciso do seu colo. Estou devastado. Fui do céu ao inferno. Sua mão pousou em meu rosto. Dura e seca. Seus olhos tocaram os meus. *“Calma, filho. Tudo se ajusta. Por enquanto, vá lá dentro, se refresque. Dorina, arruma o quarto dos meninos. Põe lençol, depois faz uma merenda para esse meu filho que voltou. Ah! Manda um moleque na casa de Ritinha, ela vai gostar de saber.”*

\* \* \* \* \*

Meu filho. Tristezas e alegrias são o que nos une e separa. Ele saiu daqui tão aligeirado. Corrido. Depois de tudo que aconteceu, sua única chance foi fugir. Meu menino, tão sem entender, quinze anos... o que se sabe da vida com essa idade? Tão novinho teve de escapar para se encontrar. Mas agora que ele está de volta, o que terá acontecido? Sei que venceu na vida. Ainda lembro quando Nita do poço me trouxe aquele recorte de jornal com uns ovos de ganso embrulhados. *Os ovos são bons, mas talvez a senhora ache o embrulho mais proveitoso.* E apontou com o dedo quebrado pela polia. Vi meu filho sorrindo na foto, *“Jô Salgado dita a moda no Rio de Janeiro”*. Ele estava feliz. Ai, que meu peito até pulou nesse dia! Corri para casa para ler todas as palavrinhas da nota do jornal e para olhar bem demorado, até decorar o retrato dele sorrindo. Ele merecia aquela felicidade, já tinha penado e sofrido tanto por causa da truculência dessa gente. Desde pi-xototinho ele prometia. Era diferente dos outros, se achegava mais para mim que para o pai. Gostava de dar jeito na casa,

de ver tudo bonito e arrumado, até no meu cabelo ele punha arco ou presilha. *Deixa, mãe, eu ajeitar a senhora.* E quando dava para escolher minha roupa? *Esse aqui realça sua pele.* Eu achava graça daquilo, sorria, mas sentia uma pontada no peito, prenúncio de toda aquela arruaça dos irmãos contra o menino. *Se José não largar daquele fresco a gente dá cabo dos dois.* O pai nem se meteu. Fez de doente e desentendido. No fundo, gostou. Nunca aceitou o filho. Se afastou. O bichinho bem que pelejava para grudar no pai, mas o Velho repudiava. Só se interessava pelos outros dois. Rubens, então... era o quindim de iaiá. Fogo nas ventas. É meu filho, vou sempre acolher, mas é o cão chupando manga. Jesus! Perdoa o gênio dele e recebe em teus braços, quando chegar a hora; amém. Mas José, o que sucedeu para ele estar aqui? Não é mais o mesmo. Olhar fundo, abatido... Dorina, mulher, já mandou chamar Ritinha? É outra que também sofreu na mão do Velho. Ele morria de medo da filha desonrar o nome da família. Besteira. Coisa de que ninguém sabe é da hora que a mulher deseja trazer vida ao mundo. Eles não querem admitir, mas a mulher é a origem: a procriação é um trato entre ela e Nosso Senhor. No fundo, a mulher é a mão que gira o mundo, ela sempre pode trazer no ventre a mudança, coisa que muita vez não apraz ao macho. Um filho é sempre uma faca de dois gumes. Por isso, o Velho trancou a menina em casa, pobre Ritinha, gostava tanto do grupo escolar, tinha letra bonita... lia e escrevia que só... nem isso ele permitiu.

\* \* \* \* \*